

CAMPEÃO INVICTO

ANTÓNIO PINTO

INVESTIGADOR HISTÓRICO, CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO
DO SPORT LISBOA E BENFICA



PATRIMÓNIO
CULTURAL
BENFICA

CAMPEÃO INVICTO

ANTÓNIO PINTO

INVESTIGADOR HISTÓRICO, CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO
DO SPORT LISBOA E BENFICA

De todas as competições, o Campeonato Nacional parece reunir, se não o consenso, pelo menos a maioria, das opiniões que o consideram a prova em que se encontra de forma mais justa o vencedor. As afirmações baseiam-se nas suas características, por ser a prova mais extensa, a que premeia a regularidade e na qual todos os clubes se defrontam, ao contrário das taças, em que os sorteios podem beneficiar ou prejudicar o percurso de uma equipa.

O Benfica, bicampeão nacional, entrava para a época 1972/73 como o mais destacado dos candidatos ao título. Com uma prestação em crescendo nas duas últimas edições, em que na primeira sofreram três derrotas e na segunda apenas uma, os “encarnados” pareciam prontos a alcançar registos históricos.

Citar este paper:

PINTO, António, *Campeão invicto*, [Lisboa], Direção de Património Cultural do Sport Lisboa e Benfica, 2021. Disponível em <https://media.slbenfica.pt/-/media/BenficaDP/Images/museu/ficaemcasa/Campeao-Invicto>.

© Direção de Património Cultural do Sport Lisboa e Benfica, 2021

A IMPORTÂNCIA DE UM BOM TIMONEIRO

Jimmy Hagan foi peça-chave para o sucesso. O inglês estreou-se como treinador na temporada 1959/60, ao serviço do Petersborough. Após cinco temporadas, assinou pelo West Bromwich e orientou os "baggies" durante três épocas¹. Na década seguinte, ganharia dimensão internacional como técnico do Benfica.

Em março de 1970, foi anunciada a sua contratação, iniciando funções na pré-época². A sua primeira partida foi a 2 de agosto, em Angola, frente ao Vitória de Setúbal para a Taça do Ultramar. Os "encarnados" venceram por 2-1 e impressionaram pela capacidade física, incomum numa altura tão precoce da temporada. Apesar de servir tanto de elogio como de crítica, por alguma imprensa recear que as cargas físicas pudessem ser prejudiciais numa fase mais adiantada³, o tempo acabaria por dar razão ao técnico inglês. Os jogadores mantiveram os índices físicos e, com uma fantástica segunda volta, venceram 12 dos 13 jogos, conquistando o Campeonato Nacional 1970/71.

Na temporada seguinte, o Benfica continuou na senda dos bons resultados. Chegou às meias-finais da Taça dos Clubes Campeões Europeus, voltou a conquistar o título nacional e venceu a Taça de Portugal. No Campeonato Nacional, os benfiquistas realizaram uma campanha quase perfeita. Na 24.^a jornada, de forma surpreendente, perderam por 1-0 frente ao Barreirense. A única derrota registada na prova!

Apesar dos bons resultados, o técnico inglês não gerava consenso, com alguns críticos a porem em causa os seus métodos. Um membro do Centro de Documentação e Informação da Direção Geral da Educação Física e Desportos saiu em sua defesa:

"desde o principio da época as «estrelas» do Benfica estão a perfazer a média de dois jogos por semana (e todos eles... a doer!) e ainda não se sentem saturados. E recuperam bem do desgaste físico a que são submetidos! Não sei se o «mister» manuseia os segredos fisiológicos e biomecânicos, atinentes à metodologia do treino. Não sei o que o «mister» sabe! Mas sei (lá vou eu por indução dos efeitos para as causas) que o «mister» tem de «saber»... E é por isto tudo que digo que o admiro."⁴

O Presidente dos "encarnados", Borges Coutinho, corroborava com a afirmação: "os factos vieram demonstrar que o Benfica estava tão forte no começo, como no meio, como no fim da época, não obstante jogos particulares, as viagens longas, as férias curtas. Tudo significa que Jimmy Hagan tem ideias próprias e que as suas ideias estão certas"⁵.

¹ O *Benfica*, n.º 1548 (20 junho 1972), p. 9

² O *Benfica*, n.º 1431 (24 março 1970), p. 1, 3

³ A *Bola*, n.º 3693 (8 agosto 1970), p. 3

⁴ O *Benfica*, n.º 1549 (27 junho 1972), p. 2

⁵ A *Bola*, n.º 4041 (4 novembro 1972), p. 2

INÍCIO AVASSALADOR



O poker de Eusébio ao Sporting, na 5.ª jornada, em destaque no jornal do Clube. O *Benfica*, n.º 1564 (10 outubro 1972), p. 1. Acervo SLB

Tal como nas duas anteriores, a intensidade da pré-época de 1972/73 motivou algumas dúvidas por parte da imprensa em relação ao momento de forma que os atletas apresentariam nos primeiros jogos oficiais: "que vamos esperar de um Benfica cujos jogadores tiveram alguns dias de férias, estiveram em Cádiz após dez dias de preparação, e logo se seguindo, na Indonésia para mais dois desafios particulares?"⁶. Os "encarnados" não tardaram a desfazer as desconfianças.

Na 1.ª jornada, frente ao Leixões, realizaram uma excelente exibição, "com goleada e futebol de grande categoria"⁷, triunfando por 6-0. Seguiram-se vitórias perante Boavista, Beira-Mar e União de Coimbra. O primeiro grande teste para os benfiquistas seria na 5.ª jornada, frente ao Sporting. As duas equipas eram as únicas que somavam triunfos nos quatro jogos disputados. O Benfica dominou a partida e teve em Eusébio um goleador letal. O "Pantera Negra" apontou um *poker* na vitória por 4-1. Uma vez mais, os "encarnados" demonstraram estar num patamar superior em relação aos adversários. "O Benfica marcha. Os outros tropeçam (e atrasam) o passo. Sporting era o tal. Ontem, falhou. Mais do que falhar. Não se mostrou capaz, de maneira nenhuma de travar o andamento dos campeões nacionais"⁸.

O Clube manteve-se no trilho dos triunfos nos três encontros seguintes, frente a Barreirense, Belenenses e Vitória de Setúbal. Nada fazia prever o que iria passar-se no jogo perante o FC Porto.

⁶ O *Benfica*, n.º 1559 (5 setembro 1972), p. 6

⁷ O *Benfica*, n.º 1560 (12 setembro 1972), p. 5

⁸ A *Bola*, n.º 4030 (9 outubro 1972), p. 1

INVENCIBILIDADE SALVA EM ONZE MINUTOS



Humberto Coelho, autor do golo da vitória frente ao FC Porto, na 9.ª jornada.

Fotografia de Roland Oliveira. Acervo SLB

Na 9.ª jornada, os portistas tinham a difícil tarefa de defrontar os “encarnados”. O Benfica estava a realizar uma campanha imperial, enquanto o FC Porto estava no polo oposto. Com uma prestação paupérrima, tinham apenas duas vitórias em oito encontros⁹.

Os “azuis e brancos” assumiram a inferioridade perante os benfiquistas, ao optarem por jogar bastante recuados no terreno, apostando em saídas rápidas para o ataque. A estratégia resultou. Com o Benfica balanceado para o ataque, mas pouco eficiente, os portistas adiantaram-se no marcador. No segundo tempo, aumentaram a vantagem para 2-0.

Criticado por fazer substituições inadequadas, Jimmy Hagan, mais uma vez, provou o contrário. “Sem substituições, o Benfica estava perdido. Mas as substituições vieram. No tempo exacto”¹⁰. A aposta em Artur Jorge e Diamantino para os lugares de Jordão e Nené surtiram efeito imediato. O médio fez a assistência para o golo de Vítor Batista e esteve no lance do empate. A três minutos do fim, Humberto Coelho garantiu o triunfo com um tento de cabeça.

Em onze minutos, os “encarnados” salvaram-se de uma derrota que parecia certa. “Benfica «herói de história de quadradinhos». Nos derradeiros momentos. Estendido. Meio humilhado. Levanta-se, com o sorriso dos iluminados, dos que sabem aquilo e só com eles, e enterra a faca nas costas do F.C. Porto. E nas do campeonato”¹¹. A este encontro seguiram-se novos triunfos dos benfiquistas, que se mostravam imparáveis a cada partida.

⁹ A *Bola*, n.º 4039 (30 outubro 1972), p. 6

¹⁰ A *Bola*, n.º 4042 (6 novembro 1972), p. 12

¹¹ A *Bola*, n.º 4042 (6 novembro 1972), p. 1

O JOGO DO TÍTULO



Artur Jorge bisou na vitória contra o Vitória de Setúbal, na 23.ª jornada.

Fotografia de Roland Oliveira. Acervo SLB

Na receção ao Vitória de Setúbal, a contar para a 23.ª jornada, imperava uma questão: “saber se e quando surgirá o adversário capaz de infligir [ao Benfica], se não a primeira derrota, ao menos o primeiro empate”¹².

O jogo motivou maior interesse após a excelente exibição dos sadinos frente ao Tottenham, na 1.ª mão dos quartos de final da Taça UEFA, aumentando a expectativa quanto a uma possível vitória da equipa do Sado. Contudo, os “encarnados”, com uma prestação de gala, ganharam por 3-0, numa partida em que se destacaram “Artur Jorge, regressado à sua condição de goleador, e Eusébio, [...] que se encarregaram de deitar por terra as esperanças sadinas”¹³.

O empate do Belenenses, 2.º classificado, permitiu ao Benfica celebrar a conquista do título. A festa estendeu-se aos balneários regada a champanhe.

¹² *A Bola*, n.º 4094 (10 março 1973), p. 5

¹³ *Diário de Lisboa*, n.º 18037 (12 março 1973), p. 20

O PRIMEIRO CAMPEÃO INVICTO



Alguns dos campeões invictos: Jimmy Hagan (treinador), Jordão, Vitor Batista, Artur Jorge, Vitor Martins, Eusébio, Nenê e Jaime Graça.

Fotografia de autor desconhecido. Acervo SLB

Com o título assegurado, na jornada seguinte, a equipa apresentou-se desfalcada nas Antas. "Sem Malta da Silva, sem Humberto, sem Rui Rodrigues, quase toda a defesa... Sem Toni, que tem sido a grande figura da equipa até aqui, o esteio, o fulcro, o «pivot»"¹⁴, defrontaram o FC Porto. Foi uma partida aberta, em que ambas as equipas se mostraram mais preocupadas em atacar do que em defender, o que agradou ao público, que assistiu a um excelente espetáculo. Os "encarnados" adiantaram-se no marcador, por intermédio de Nenê, mas os portistas empataram antes do intervalo. No segundo tempo, Eusébio restabeleceu a vantagem aos benfiquistas. Contudo, a três minutos do fim, o árbitro assinalou um penálti a favor do FC Porto, que Flávio converteu, fixando o resultado em 2-2.

Desta forma, o Benfica perdeu o primeiro ponto na competição, o que fez com que os adeptos adversários festejassem como se de uma conquista se tratasse. "O empate foi a festa para a cidade do Porto. Adeptos invadiram o relvado para abraçar os seus ídolos de azul-branco. Só o Benfica poderia despertar essa alegria nas hostes nortenhas... Sabemos lá o que fariam se têm ganho a partida!..."¹⁵

Nas cinco jornadas seguintes, os campeões nacionais registaram um empate e quatro triunfos. Restava cumprir o objetivo de terminar a prova sem derrotas para que a conquista ficasse gravada a tinta dourada. Com um jogo por disputar, os adeptos não davam o feito como consumado. Nas suas memórias estava ainda presente a última jornada do Campeonato Nacional 1959/60, quando Tonho silenciou o Estádio da Luz, ao apontar o segundo golo do Belenenses, impondo a única derrota dos benfiquistas na prova.

¹⁴ *A Bola*, n.º 4104 (2 abril 1973), p. 1

¹⁵ *O Benfica*, n.º 1589 (3 abril 1973), p. 7



Os "invencíveis" tiveram honras de capa n' *O Século Ilustrado*.

O Século Ilustrado, n.º 1839 (31 março 1973), capa. Acervo SLB

Treze anos depois, no mesmo recinto, os "encarnados" não voltaram a perder a oportunidade e golearam o Montijo por 6-0. Desta forma, o "Benfica assegurava o seu terceiro título consecutivo e o primeiro sem derrotas, na história do futebol português"¹⁶.

O Clube concluiu uma competição que dominou desde o início, "a classe do campeão [...] foi passeada de Norte a Sul do País, onde as «papoilas saltitantes» fizeram vibrar de contentamento e de emoção milhares de milhares de adeptos deste incomparável Benfica. Não há palavras para definir a alegria e o orgulho que sentem todos os benfiquistas"¹⁷. Com um ataque extraordinário, golearam em 15 das 30 jornadas, terminando com 101 golos marcados. Apesar do poder ofensivo, Jimmy Hagan, rigoroso, não descurava da solidez defensiva. Os benfiquistas permaneceram com a baliza inviolada em 19 encontros e sofreram apenas 13 golos em toda a prova. Numa temporada magistral, os benfiquistas fixaram um novo recorde: 23 vitórias consecutivas.

A brilhante campanha do Clube repercutiu-se nos prémios individuais. Numa disputa renhida entre Simões, Humberto Coelho e José Henrique pelo Prémio Somelos-Helanca, que distinguia o jogador mais regular da competição, coube a vitória ao guarda-redes. Eusébio, com 40 golos, tornou-se no melhor marcador da Europa, conquistando a Bota de Ouro.

¹⁶ *Diário de Lisboa*, n.º 18126 (11 junho 1973), p. 23

¹⁷ *O Benfica*, n.º 1599 (12 junho 1973), p. 1

FONTES

PERIÓDICOS

A Bola

Diário de Lisboa

O Benfica



PATRIMÓNIO
CULTURAL
BENFICA